

DIMENSIONANDO A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO BRASIL

**Um estudo sobre percepções e
vivências de violência entre as
mulheres**

Objetivos

- Qual a extensão do assédio sexual e violência de gênero no Brasil de hoje?
- Quem é a vítima típica da Violência de Gênero?
- Quais situações e cenários caracterizam o abuso?
- Onde no país a Violência de Gênero faz mais vítimas?
- Quais os efeitos desse tipo de violência entre as vítimas?

Embora presente no discurso do estado e da academia, na cobertura da mídia e na atuação de organizações da sociedade civil, a Violência de Gênero é um tema que está longe de ser esgotado no Brasil.

Este estudo visa aprofundar este debate ao dimensionar e identificar a natureza do fenômeno da perspectiva dos cidadãos brasileiros. Só com conhecimento empírico sobre as percepções e vivências de Violência de Gênero, como suas consequências decorrentes, que estratégias mais acionáveis para apoio e proteção de grupos de risco podem ser desenvolvidas e avaliadas.

Metodologia

O estudo “Dimensionando a Violência de Gênero: Um estudo sobre percepções e vivências de violência entre as mulheres” ouviu as opiniões de 1019 pessoas em 128 cidades de grande e médio porte em todos os estados brasileiros.

As entrevistas foram realizadas usando um questionário online e a amostra foi ponderada por cotas cruzadas de sexo, idade e classe social para representar a população adulta residente no Brasil urbano.

Público-alvo

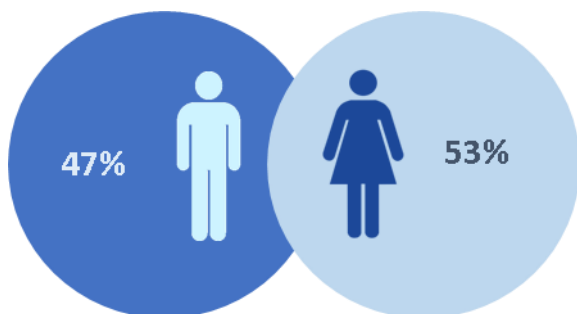


1019
entrevistas

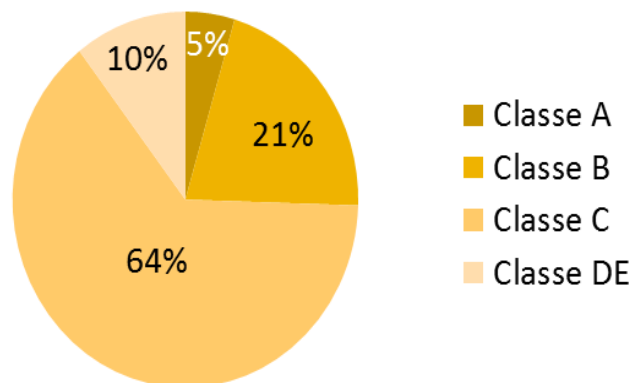
Universo:

Brasileiros com 17 anos ou mais, residentes em cidades com 200 mil habitantes ou mais, com acesso à internet.

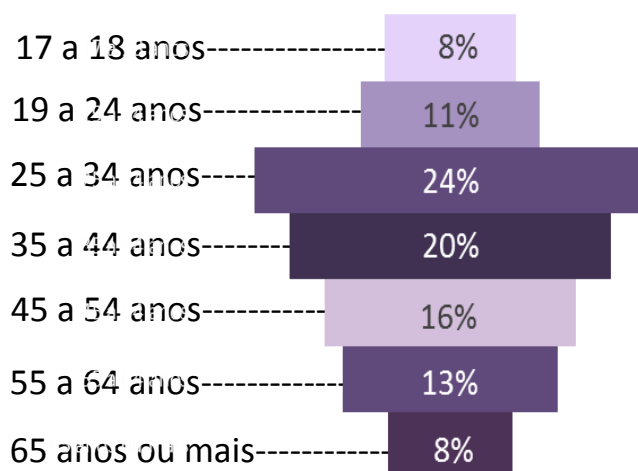
Sexo

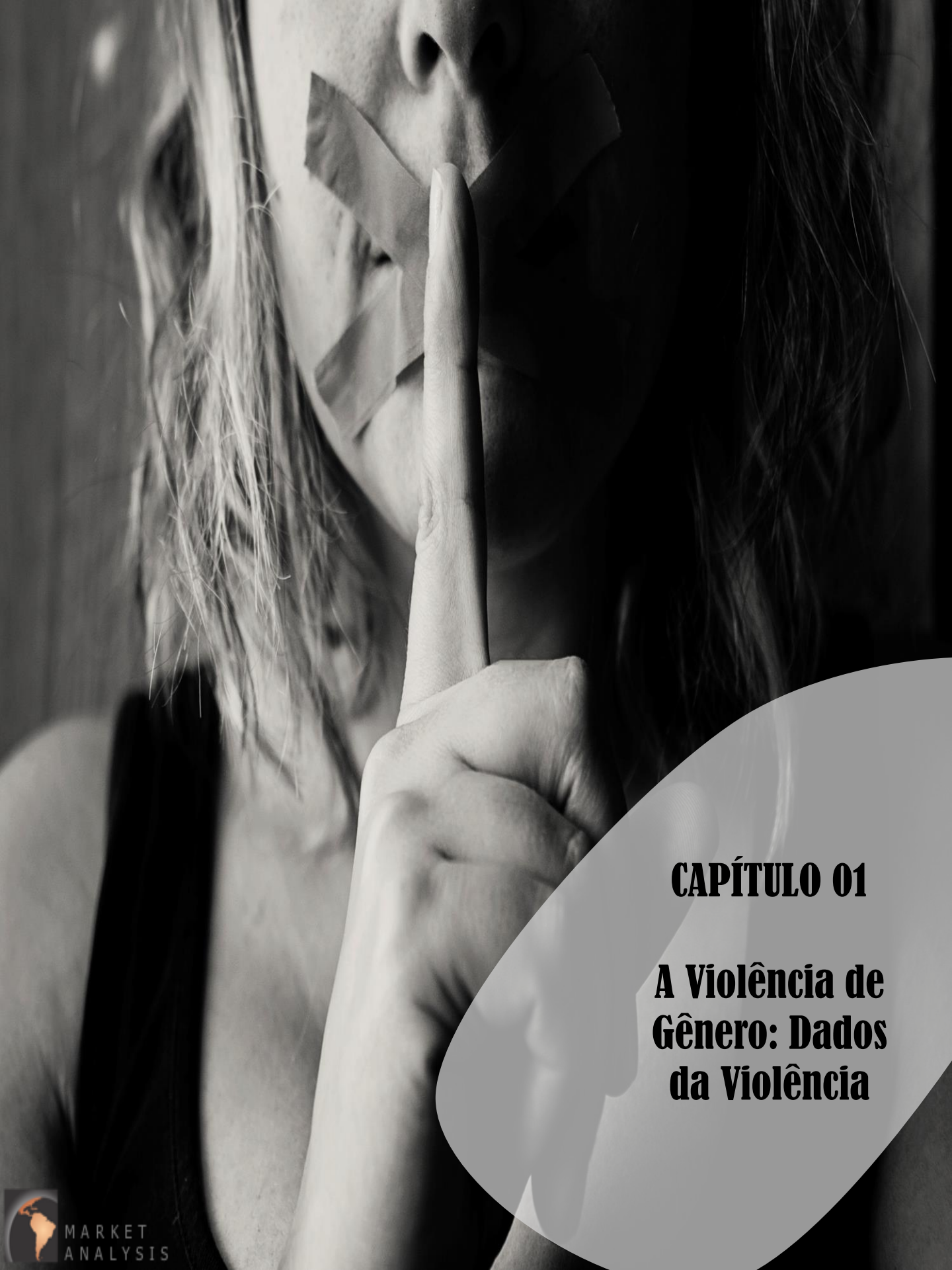


Classe social



Idade





CAPÍTULO 01

A Violência de Gênero: Dados da Violência

Dados da Violência

As recentes denúncias de assédio sexual na indústria do entretenimento e meio corporativo e a crescente conscientização e ativismo da sociedade a respeito de desigualdades reacendem a discussão sobre violência de gênero nos espaços público e privado.

O radical e massivo processo de inserção da mulher nos mercados de trabalho e educação das últimas décadas junto com a multiplicação dos papéis desempenhados pelo universo feminino teve como efeito impensado deixar as mulheres mais expostas a situações de violência e assédio.

Além disso, é possível notar que as mulheres estão mais atentas e sensíveis para interpretar como “violência” os avanços indesejados e forçados do seu espaço pessoal e emocional, o que antes era encarado apenas como “momentos ruins”, quase que uma sentença do “ser mulher”, a sina da condição feminina. Ocorre, hoje, um processo histórico de desnaturalização da violência contra a mulher.

A tolerância social à violência contra as mulheres e a culpabilização da vítima passaram a ser denunciadas, alimentando entre as mulheres a confiança para expor o agressor que, em muitos casos, está dentro de suas próprias casas.

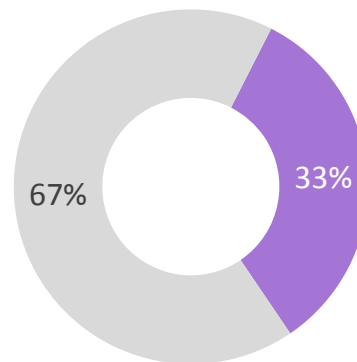
Paradoxalmente, esse movimento convive com a naturalização e consentimento social da violência de gênero, desestimulando que a própria vítima se reconheça como tal.



Dados da Violência

Uma em cada três mulheres brasileiras (33%) relata ter sofrido algum tipo de **violência de gênero ou assédio sexual no último ano.**

Sofreu violência de gênero ou assédio sexual no ultimo ano



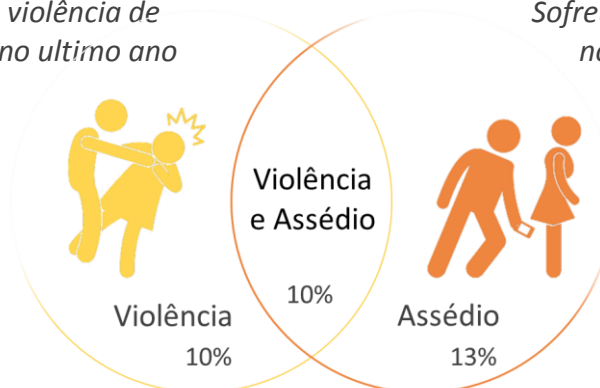
n= 540

■ Sim ■ Não

Destas 33% que relatam ter sofrido algum tipo de abuso no último ano, 10% afirma ter sofrido **violência** física ou psicológica, a agressão propriamente dita, enquanto **13%** afirma ter sido vítima de alguma forma de **assédio sexual e outras 10% afirmam ter passado pelas duas experiências.**

Sofreu violência de gênero no ultimo ano

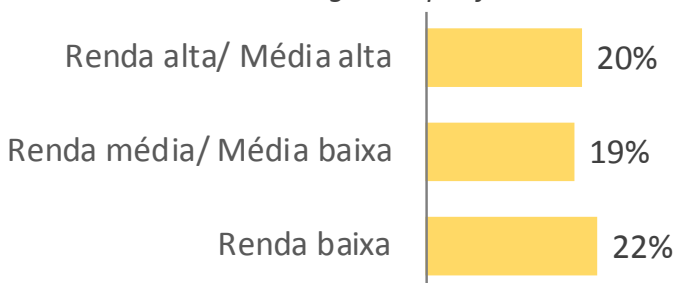
Sofreu assédio sexual no ultimo ano



As Vítimas: Classe Socioeconômica

Ao fazer um recorte social apenas das vítimas de agressão, a incidência de relatos de violência de gênero é semelhante em todas as classes sociais, 1 em cada 5 mulheres, **independente do seu círculo social e econômico**, afirma ter sofrido violência .

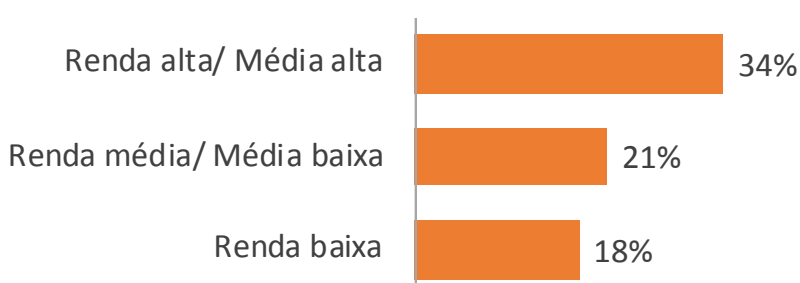
Violência de gênero por faixa de renda



Já no caso de vítimas de assédio, existe uma diferença importante entre as diferentes faixas de renda: aquelas com **renda maior** afirmam com **mais frequência** terem sido **vítimas de assédio** (34%).

Em contrapartida, mulheres de menor renda tendem a perceber o abuso com menos frequência, com índice abaixo da média nacional (18%). Na medida em que a população **mais pobre** está **mais exposta à violência social***, é plausível supor uma **naturalização ou minimização dos atos abusivos**, não identificando como assédio situações que as mulheres em situação socioeconômica mais segura veem como tal.

Abuso sexual por faixa de renda

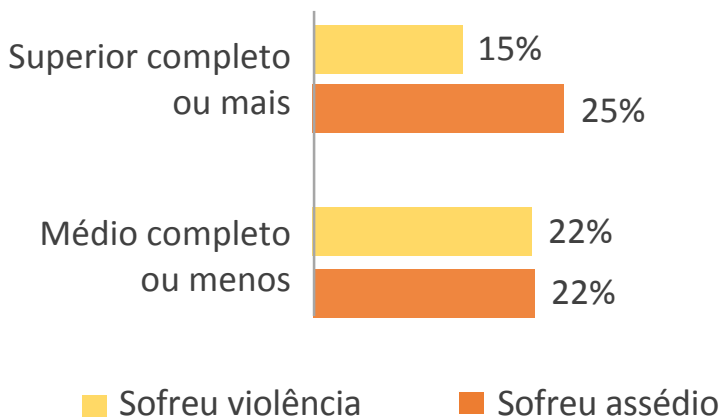


As Vítimas: Escolaridade

Quanto mais alta a escolaridade, menor é a sujeição à **situações violência de gênero**, reforçando o papel chave da **educação como instrumento para autoproteção** feminina.

Já o **assédio sexual** persiste **independente do nível de educação** da vítima: cerca de 1 em cada 4, independente de sua escolaridade, esteve exposta a avanços sexuais indesejados.

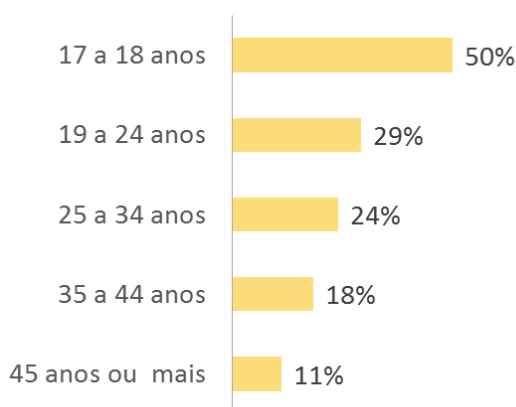
*Violência de gênero e assédio sexual
por grau de instrução*



As Vítimas: Idade

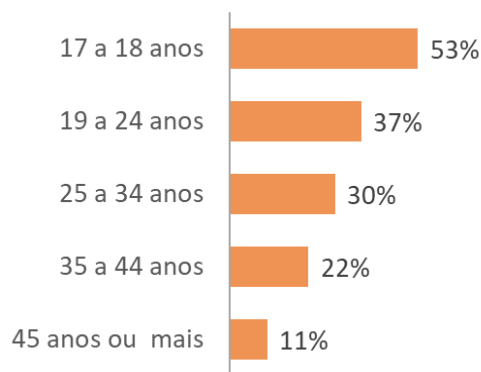
Há uma grande **disparidade** entre os diferentes **grupos etários** no que se refere à incidência de violência de gênero: quanto **mais jovem, mais** a mulher está **vulnerável** a sofrer algum tipo de agressão. Metade das participantes com 18 anos ou menos sofreram algum tipo de violência no último ano, enquanto 3 em cada 10 de 19 a 24 anos passaram pela experiência (29%).

Violência de gênero por faixa etária



Já com relação a **assédio sexual**, encontra-se um **padrão semelhante**, com incidências maiores nos primeiros grupos etários. Pelo fato de mulheres mais jovens circularem por múltiplos âmbitos: familiar, trabalho, estudo, aumenta entre elas as chances de exposição à situações de abuso. Além disso, há uma **forte sexualização da mulher jovem** no Brasil, aliada a uma dificuldade que mulheres jovens enfrentam para **serem respeitadas** como cidadãs.

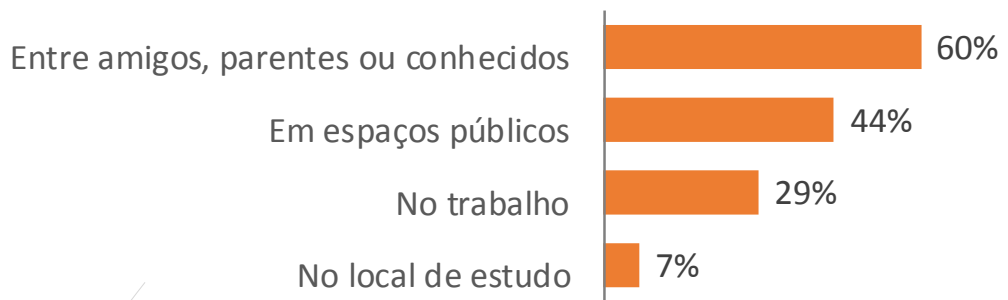
Assédio sexual por faixa etária



A ameaça está em casa

Corroborando pesquisas anteriores que dizem que o **abusador** normalmente **faz parte do círculo íntimo da vítima**, **6 em cada 10** mulheres afirmam que sofreram assédio sexual **entre amigos, parentes ou conhecidos** (60%). Ainda, **44%** foram abordadas ao usarem alguma forma de **transporte público**, frequentarem **festas**, ou simplesmente ao **andarem na rua**. Outra esfera do cotidiano significativamente afetada é o **local de trabalho** (29%).

Locais onde o assédio sexual aconteceu



n= 125

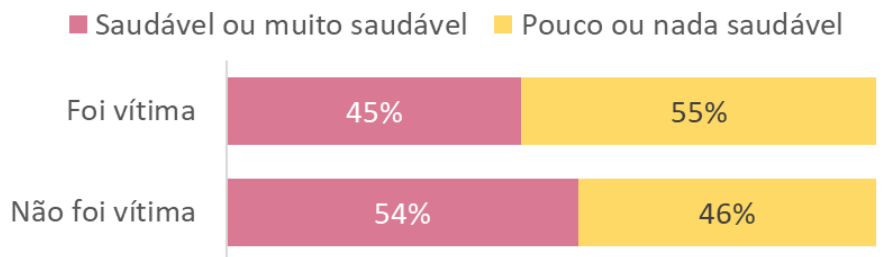


*Segundo o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, o número de **medidas protetivas a mulheres** pela Lei Maria da Penha na capital do estado **aumentou 59% em 2017.***

As Consequências da Violência: Autopercepção

Os abusos físicos e psicológicos têm impactos diversos, sendo o abalo emocional e na qualidade de vida os principais pontos, com consequências diretas à estruturação pessoal, familiar e social. No que se refere à **autopercepção sobre saúde**, as **vítimas** de assédio ou violência de gênero tendem a **se considerarem menos saudáveis** com mais frequência.

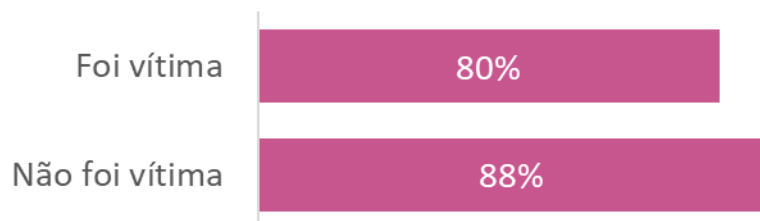
Autopercepção de saúde em mulheres vítimas de violência/assédio



P21 e P27/P28

A violência também tem **impacto na autoestima** da mulher e na sua percepção sobre sua **capacidade de cuidar ou proteger seus filhos**. Vítimas de assédio sexual se percebem como ligeiramente menos capazes acerca de seu papel de mãe.

*Mulheres vítimas ou não de assédio sexual
que se consideram boas mães
(Soma dos percentuais de concordo totalmente ou em parte)*



P18.5 e P28

“A experiência de violência destrói a crença da mulher acerca da sua capacidade parental para proteger e tornar a vida da criança segura”. (Sani, 2008. [Link](#))

Em 1999 a ONU instituiu o dia 25 de novembro como o **Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher**, para incentivar as reflexões sobre o abuso sofrido por mulheres em todo o mundo. Quase 20 anos depois as **discussões sobre a vitimização da mulher continuam vigentes e motorizam um forte movimento social orientado a** devolver às mulheres o poder sobre seus próprios corpos e espaços, garantindo seu direito sobre sua vida, seu ir e vir e seu lugar na sociedade.

No entanto, a pesquisa “Dimensionando a Violência de Gênero” indica que **ainda há muitas barreiras a serem ultrapassadas** para garantir que **nenhuma mulher acredite que ter medo do parceiro ou de andar sozinha na rua é algo normal**. A violência de gênero ainda é uma realidade e seus números continuam alarmantes. E será preciso mais do que um dia anual para se refletir a respeito.



Para mais informações:

Bianca Fermiano

bianca@marketanalysis.com.br

Débora Montibeler

debora@marketanalysis.com.br

+5548 3364-0000